

## **Notas de uma não-escrita: ou quando a morte alcança as mãos**

Vássia Silveira<sup>1</sup>

### **1.**

Quais desafios somos obrigadas a vencer quando pensamos em reivindicar um lugar na Academia, espaço cuja linguagem e pensamento se mantêm essencialmente patriarcais, desvinculados das experiências, violências e misérias de um corpo de mulher? Deste corpo que apesar de toda a diversidade – mulheres com situação econômica, orientação sexual, crenças e culturas diferentes – converge para um denominador comum: o fato de ter sido “apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho”.<sup>2</sup>

**[A pergunta que inicia este parágrafo deveria ser o eixo  
de um texto que se recusa].**

### **2.**

“Você precisa ler *O Capital*”. Esta foi uma das frases que escutei, repetidas vezes, na juventude. Era pronunciada por meu pai em tom de repreensão, e no meu entendimento marcava uma dura sentença: eu não seria boa o suficiente enquanto não lesse a análise do capitalismo feita por Karl Marx. Por rebeldia ou ignorância, a verdade é que jamais consegui finalizar a leitura de *O Capital*, lacuna que acabou transformando-se em símbolo da busca, nem sempre consciente, pela aprovação – primeiro, da figura paterna; e mais tarde, daqueles que há séculos sentam-se no trono do poder com seus discursos eruditos, acadêmicos, criativos – de minha produção intelectual e/ou criativa. O que escrever? Como escrever? Até hoje essas perguntas acompanham, em menor ou maior grau, a angústia que precede parte de minha escrita. Uma espécie de maldição – pois “Nenhum escritor homem (...)

---

<sup>1</sup> Jornalista e escritora. Doutoranda e bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. Mestra em Estudos da Tradução pelo mesmo programa. E-mail: vassia@uol.com.br.

<sup>2</sup> FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo, Elefante, 2017, p.. 34.

considerou a crítica das mulheres ao escolher seus assuntos, seu tema, sua linguagem”.<sup>3</sup>

**[A afirmação que inicia este parágrafo deveria ser o título de um texto que se recusa].**

3.

Minha língua. Sotaque forasteiro derramado em terras ao Sul do país, sob o escrutínio da herança do colonizador.

**[Esta confissão deveria ser o argumento de um texto que se recusa]**

4.

¡Anzaldúa, mi amor! .

**[Esta declaração deveria alimentar um texto que se recusa]**

5.

“Hesitei fazer o que vou fazer agora, que é usar a mim mesma como exemplo”.<sup>4</sup> Até quando teremos receio (ou pediremos desculpas) por nos colocarmos no mundo, no texto, na linguagem, a partir de quem somos e de nossas experiências?

**[Esta dúvida deveria reverberar em um texto que se recusa]**

6.

Bárbara: mãe solo. Uma sem-teto para chamar de seu.

**[Esta (im)provável ficção deveria ser um texto que se recusa]**

**Do texto que se recusa:**

Meu corpo. Anunciador de mortes.

---

<sup>3</sup> RICH, Adrienne. Quando da morte acordamos: a escrita como re-visão. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli. *Traduções da Cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: EDUFAL, Editora da UFSC, 2017, p.70.

<sup>4</sup> RICH, Adrienne. Quando da morte acordamos: a escrita como re-visão. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli. *Traduções da Cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: EDUFAL, Editora da UFSC, 2017, p.70.